

NAYANE TIXILISKI IANCÓSKI



**CORPO, DUALISMO E NOVAS PERSPECTIVAS PARA A PRÁTICA
DE ATIVIDADE FÍSICA**

CURITIBA

2008

NAYANE TIXILISKI IANCÓSKI

**CORPO, DUALISMO E NOVAS PERSPECTIVAS PARA A PRÁTICA
DE ATIVIDADE FÍSICA**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de bacharel em Educação Física, no Curso de Bacharelado em Educação Física, Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof^ª. Dr. Carmen Lúcia Fornari Diez

CURITIBA

2008

TERMO DE APROVAÇÃO

NAYANE TIXILISKI IANCÓSKI

CORPO, DUALISMO E NOVAS PERSPECTIVAS PARA A PRÁTICA DE ATIVIDADE FÍSICA

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Educação Física, Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Orientador: Profª Drª. Carmen Lúcia Fornari Diez
 Departamento de Educação Física, UFPR

Profª. Drª. Simone Rechia
Departamento de Educação Física, UFPR

Profª. Drª. Astrid Baecker Avila
Departamento de Educação Física, UFPR

Curitiba, 01 de dezembro de 2008

"Se as coisas são inatingíveis... ora!

Não é motivo para não querê-las...

Que tristes os caminhos se não fora

A mágica presença das estrelas!"

(Mário Quintana – Espelho Mágico)

Dedico ao sorriso, ao gesto, ao olhar, à brincadeira, ao amor, à amizade, à loucura, à razão. Às lágrimas, às manhãs, às idas e voltas, aos erros e acertos, às músicas, às danças, ao silêncio, às conversas, à reflexão, à inquietação, à indignação... Enfim, a tudo aquilo que se fez presente!

SUMÁRIO

RESUMO.....	VII
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I	6
CONSIDERAÇÕES SOBRE O CORPO NA CONTEMPORANEIDADE	6
CAPÍTULO II	12
O CORPO NA TRADIÇÃO DUALISTA	12
2.1 CORPOREIDADE.....	19
2.2 DUALISMO E ATIVIDADE FÍSICA.....	22
CAPÍTULO III	26
NOVAS PERSPECTIVAS PARA O PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA:	
REPENSANDO A APRENDIZAGEM	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS.....	33

RESUMO

O corpo tem sido alvo de diversos estudos na atualidade e, junto ao tema *corporeidade*, vem constituindo um dos mais importantes temas de reflexão na área de educação física. O presente estudo teve como objetivo principal discutir, a partir da investigação de raízes filosóficas, o dualismo corpo-mente, e suas implicações no âmbito da Educação Física. Buscando-se, sobretudo, superar a disjunção entre as dimensões que constituem o ser humano. Defendendo, ainda, uma percepção mais ampla dos educadores físicos, com intuito de propor a construção de uma pedagogia do movimento que contemple as várias dimensões do ser humano, ou seja, a sua unidade. Assim, o esquema do trabalho empreendido se apresenta em três capítulos: sendo o primeiro dedicado a apontar algumas considerações sobre o corpo na contemporaneidade; o segundo, a discutir as tradições dualistas nas concepções específicas de Platão, Descartes e Merleau-Ponty, além de relacionar o posicionamento dos mesmos ao fenômeno *corporeidade* e à prática da atividade física; e, por fim, o capítulo terceiro, que aborda novos olhares e perspectivas acerca de uma pedagogia para a Educação Física que vise o extermínio das imposições culturais estéticas e desenvolva a conscientização de um corpo não-objeto, mas, sim, de um corpo-sujeito.

INTRODUÇÃO

A discussão relacionada às questões corporais perdura séculos de história da humanidade. O nosso corpo é a resposta reflexa da vida ao mundo circundante, ou seja, o corpo, além de ser um todo em si mesmo, parte, também, de um todo ecossistêmico. “O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o eu ‘real’, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais exteriores e as identidades que esses mundos oferecem” (HALL, 1997:12).

Lara (2004) afirma que, “atualmente, mesmo sendo o corpo foco de um discurso de valorização do homem, esconde, muitas vezes, as leis que regem a indústria da beleza, da moda, do consumo, do lucro” (LARA, 2004:59). Vivemos em uma sociedade ocidental, com padrões extremamente capitalistas e, portanto, faz-se presente o visível consumismo exagerado, no qual a sede de ter o maior número de posses incluindo objetos, bens materiais, dinheiro e até pessoas, transforma os valores sociais, modificando-os em sua estrutura.

Continua sendo persistente, obviamente que mais enfática, a busca para se atingir o belo, as medidas perfeitas, o corpo definido como ideal, enfim, uma homogeneização dos corpos em seus padrões estéticos ditados pela sociedade. Como consequência disso, há também o gradativo aumento de práticas de beleza, como técnicas de rejuvenescimento, cirurgias plásticas, atividades físicas intensas, regimes extremos, consumo excessivo de cosméticos, que vendem a ilusão de se estar sempre com um corpo bonito, jovem, sadio e esbelto. “Vemos a constituição de um ‘mercado de aparências’, no qual o corpo é colocado como realidade a ser

apropriada: cada um pode 'ter' o corpo que quiser; mais uma dicotomia de difícil resolução para o indivíduo e a cultura urbana da cidade" (SILVA, 2001:93).

Segundo Rita de Cássia Fernandes (2004:43): "A busca infinita por um modelo de beleza e de boa forma é sempre guiada pelo padrão universal, considerando o corpo apenas como detalhe, 'matéria-prima' disponível para ser moldada". A estética da magreza ocupa lugar significativo no universo da beleza. A modelagem desse corpo preconizado pela massa mercantilista tornou-se uma grande obsessão entre as mulheres. Medidas corporais para se atingir o título de mulher bela são constantemente divulgadas pelos meios de comunicação e difundidos pelo mundo. São pouquíssimas as que conseguem atingir tais "números"; e dessas, a grande maioria o atinge através de práticas perigosas, desencadeando uma série de transtornos psíquicos, traumas físicos e cicatrizes em geral. "O espelho tornou-se o instrumento essencial na vida das mulheres. Impiedoso e sarcástico, ele revela os contornos e imperfeições que devem ser extintos. Ora amigo, ora amigo, travam-se batalhas que, muitas vezes, resultam em traumas físicos e psicológicos irreversíveis" (BARROS, 2001:52).

Num momento em que se assiste a uma crescente estetização da existência, as academias de ginástica passaram a ser instituições que se dispõem, especificamente, a reproduzir a idolatria do corpo, a qual assume significados sociais de beleza, aceitação social, jovialidade e outros (COSTA, 1999). Será que podemos vivenciar uma prática que não tenha a padronização do corpo como objetivo principal? Será possível fugirmos da massificação das práticas corporais?

A influência dos meios de comunicação em relação à disseminação dos padrões corporais é indiscutível. Entretanto, não se pode desprezar a importância

dos inúmeros profissionais que trabalham diretamente com o corpo, tais como profissionais de Educação Física, extremamente relevantes na atuação crítica, no processo de mediação de valores e conceitos sobre as práticas corporais (tanto em escolas, como em academias); todos construindo corpos e provocando mudanças comportamentais de diversas naturezas (MOURA, 2001).

Santin (1990) sugere a necessidade de se discutir as relações entre o corpo e a mente para a constituição de um saber apropriado, no bojo da Educação Física. Subordinar quer o corpo, quer a mente, um ao outro em termos de importância, vai dificultar o reconhecimento da harmonia e beleza que ao final deve presidir as considerações sobre o ser humano (DUTRA, 1996). “Isto porque parece que o Homem é um todo, não obstante dividirem-no para fins didáticos e de pesquisa e a ênfase num ou noutro aspecto vai influenciar a compreensão dos demais” (DUTRA, 1996:1).

O profissional e o estudioso, em geral, da atividade física deparam-se, mesmo que não o saibam, com questões feitas ao sujeito que define “dualisticamente” a sua existência durante a sua prática profissional. Pela polarização tradicional que se estabeleceu na área da atividade física em termos do dualismo mente-corpo, o professor, treinador ou acadêmico necessita muitas vezes posicionar-se. Este posicionamento implica, no que diz respeito ao seu âmbito de intervenção, estabelecer onde ele vai atuar: numa mente ou num corpo.

Pensar o corpo, não apenas como um instrumento, máquina, manequim ou, apenas como simulacro existencial, tem incomodado, e muito, aqueles que buscam uma nova forma de interpretar o fenômeno corporeidade.

É evidente que cresce a demanda de investigações, teorias, terapias que tratam o assunto de maneira que haja uma percepção corporal cada vez maior, mesmo que a negação do corpo apareça como fenômeno do fantasma pós-moderno. A necessidade de descobrir uma nova maneira de vê-lo, requer uma amplitude de conhecimentos, que incluam a complexidade humana com suas incertezas, que contenham uma conotação da palavra corpo em um sentido mais completo daquele que se está habituado a ouvir (GUEDES, 1995).

Questiona-se, então, quais práticas corporais podem romper com essa nossa dificuldade de perceber, de sentir o corpo e desmanchar o mal-estar que algumas vezes sentimos. Observa-se que o esporte e a ginástica de academia poderiam propiciar esse conhecimento corporal, no entanto, a ação pedagógica que normalmente fundamenta essas práticas corporais se desenvolve pela simples imitação de um determinado movimento, adestrando o corpo, sem conscientização dos movimentos que pode realizar. Outro aspecto a ser destacado é o de que, em nosso contexto, a ginástica de academia, especificamente, é utilizada como recurso para o culto à beleza. Em nossas relações cotidianas vamos percebendo a propaganda da imagem do corpo ideal, a partir das práticas corporais, das dietas, das cirurgias plásticas, dentre outros.

O intuito do presente estudo é, contribuir para a superação de uma visão simplificadora (que separa o que está ligado: disjunção) e reducionista (que unifica o que é diferente) e alcançar a compreensão do caráter indissociável entre corpo, afetividade, mente e o social, adotando-a como princípio para a prática pedagógica em educação física.

A apresentação do mesmo seguirá a seguinte sequência metodológica:

Primeiramente, no item “Considerações sobre o Corpo na contemporaneidade”, o foco será dado às questões comportamentais, de atitudes e sentimentos que delineiam o nosso modo de ser/agir/pensar o corpo sob os parâmetros contemporâneos.

A segunda parte, “O Corpo na tradição Dualista”, apresentará uma análise das raízes histórico-filosóficas do problema mente-corpo, a partir da visão de pensadores, em momentos distintos da história. Continuando o raciocínio, serão abordados no mesmo capítulo, questões a cerca da corporeidade e do dualismo na atividade física.

No terceiro capítulo, intitulado “Novas Perspectivas para o Profissional de Educação Física: Repensando a Aprendizagem”, busca-se uma fundamentação teórica para uma reflexão sobre novas perspectivas pedagógicas para a área da Educação Física, com ênfase na corporeidade.

Finalmente, nas Considerações Finais, far-se-á um balanço das questões anteriormente discutidas.

CAPÍTULO I

CONSIDERAÇÕES SOBRE O CORPO NA CONTEMPORANEIDADE

Nunca se falou tanto em corpo como na contemporaneidade. A todo o momento e em diversos espaços, o corpo é objeto de estudo, adoração, culto, apreciação, depreciação, fragmentação e observação (MOURA, 2001). Esse fato é evidenciado no grande número de publicações dedicadas ao tema corpo, tanto no que diz respeito à saúde, quanto à estética e boa forma. Além disso, cabe ressaltar a grande e crescente demanda por academias de ginástica ou outras modalidades de práticas corporais; o acelerado avanço tecnológico e maior acesso a técnicas de modificação ou reconstrução corporal – cirurgias plásticas; o sucesso da indústria de cosméticos e perfumaria; a popularização e difusão de dietas bastante variadas; dentre outros.

Ainda que, em se tratando de Brasil, muitos desses avanços e recursos encontram-se restritos somente a uma parcela privilegiada da população, não se pode desprezá-la, em termos de números e força formadora de opinião.

O corpo, tão exposto em todas as mídias é cultuado e modelado cuidadosamente. A busca pela perfeição não cessa. Esta é idealizada, invejada, desejada e até mesmo “virtualizada” pelas novas tecnologias. “O corpo ‘natural’ (no sentido de ser o corpo que não passa por processo artificial de mudança ou reconstrução) não é o ideal. Bom mesmo é poder ‘corrigir’ as ‘imperfeições da natureza’” (MOURA, 2001:15).

Hoje se tem elegido como ideal o “manter-se jovem por mais tempo possível”, com relação aos aspectos externos, à imagem que se projeta na sociedade. Não se é jovem, mas tenta-se parecer jovem. O importante é parecer, e não o ser. Vivemos na era da imagem, onde valem pelo que aparentamos ser. A sociedade impõe padrões de estética e de beleza que devem ser seguidos, imitados e/ou copiados a qualquer preço.

É possível pensar que a imagem corporal mostra os ditos da moda, da mídia, do consumo, enfim, dos valores e costumes sociais na atualidade. Em nome de uma moda, de uma imagem corporal que estabelece qual é o corpo bonito e qual o feio, molda-se o corpo conforme os esquemas culturais de beleza (COSTA, 1999). Garcia e Lemos (2003) consideram o corpo humano uma verdadeira construção cultural, sendo comparável a um pedaço de madeira que cada um esculpe de acordo com a sua própria vontade e satisfazendo os mais variados projetos individuais. O corpo humano como uma construção, pode ser pensado como uma verdadeira obra de arte, como uma imagem produzida pela cultura, como algo mobilizável pelos diferentes ambientes socioculturais e não como um simples produto da biologia ou da natureza.

Os meios de comunicação, que exercem fenomenal influência sobre a opinião pública, contribuem significativamente na disseminação desse padrão corporal a ser desejado e seguido. Entretanto, não se pode ignorar a influência de muitos profissionais que trabalham diretamente com o corpo, como os educadores físicos (tanto nas escolas quanto nas academias de ginástica), os quais nem sempre respeitam ou aceitam a diversidade de corpos e comportamentos corporais de seus alunos (MOURA, 2001).

Profissionais estes que, em geral, carregam e transmitem idéias sistematizadas ou em vias de sistematização acerca do ato de exercitar o corpo. Para Coelho Filho e Andrade (2004), vale notar, contudo, que os sistemas em geral tendem a “aprisionar” a reflexão, a fechar os horizontes. Segundo os mesmos autores, é interessante perceber, também, que muitas destas idéias sistematizadas emergem no contemporâneo do discurso referente ao “malhar”, fato que nos leva a pensar sobre o processo de apropriação social do termo para caracterizar a prática do exercício físico. A crítica atenta para o sentido da palavra malhar, que, etimologicamente, tem em si a idéia de mancha (mácula), de bater, contundir e dar pancada, de castigar o corpo, de zombar e escarnecer. No mesmo contexto perceptivo, canções e programas televisivos (novelas e humorísticos) utilizaram e utilizam o malhar, exercícios físicos, como tema, com grande sucesso.

Merece ainda destaque o produto “atividade física” que a publicidade divulga, cada dia com maior apoio, numa certa racionalidade oriunda das ciências biomédicas, no sentido de projetar o corpo perfeito para uma saúde perfeita. Constata-se, assim, que o exercício físico, quase tanto quanto a racionalidade, está em pauta. Há inúmeros indícios de um discurso, à disposição da mídia, que mostra o crescente interesse pelo corpo (que se tornou ideal de consumo, em que as pessoas investem dinheiro), pelo culto ao corpo, que “malha” na atualidade, e que levanta preocupações com os rumos que ele vem apresentando, especialmente pela carência, talvez mesmo ausência, de uma proposta que aproxime os indivíduos da autonomia e da reflexão sobre o próprio corpo (COELHO FILHO & ANDRADE, 2004).

De acordo com Mauss (1974), o corpo é o primeiro e mais natural instrumento do homem; através dele, construímos nossa identidade corporal. No entanto, como duas sociedades ou duas gerações distintas não possuem o mesmo corpo, nem tampouco buscam ter o mesmo corpo, tem-se que a construção social corporal não é fruto de uma escolha essencialmente individual. Sofremos acentuadamente as influências do meio, ou seja, de toda uma sociedade da qual o indivíduo faz parte, assim como o lugar que nela se ocupa.

Desse modo, não existe corpo que seja “impermeável às margens da cultura”. Cada sociedade tem sua memória de leis e códigos expressa em cada corpo, que constantemente muda. O corpo é um processo que se constrói e reconstrói com o passar do tempo, tornando-se testemunha dos avanços científicos e tecnológicos de cada época (SANT’ANNA, 2001).

Ao se tomar como referência as relações sociais em nosso cotidiano, percebe-se que o corpo vai sendo moldado e acaba gerando expressões, linguagens condizentes com a cultura na qual se está inserido. “Agimos meio que robôs programados para realizar ações objetivas, racionais, e assim, fechamos os olhos para a nossa sensibilidade e graciosidade. Acreditamos que já está na hora de encontrar um meio termo para que não nos tornemos pedra” (COSTA, 1999:15).

Vamos presenciando a cada instante a idolatria ao corpo. Parece que essa opção de vida baseada no poder, no sucesso, na imagem do corpo ideal, faz com que passemos a assumir um pouco de narcisismo em nossa personalidade. Desse modo, observa-se que nossa imagem corporal, estabelecida principalmente pelo contexto cultural de cada época, reflete a nossa personalidade e o nosso modo de ser (COSTA, 1999). Por exemplo, um indivíduo que se preocupa com a hipertrofia

muscular, com o objetivo de apresentar um aspecto viril, forte e poderoso; pode esconder atrás dos mesmos músculos desenvolvidos, uma pessoa confusa e assustada. Ou ainda, uma modelo com o perfil de beleza atual, que tem a sua imagem relacionada à felicidade e à realização pessoal e profissional, pode, ao mesmo tempo, camuflar a verdadeira face desse corpo belo: o estresse, a solidão, uma vida pouco saudável. A quebra dessa imagem corporal do indivíduo significa, então, o rompimento da integridade da sua personalidade.

Em linhas gerais, Coelho Filho e Andrade (2004), assim relatam o corpo da contemporaneidade:

“(...) este é o corpo que no passado recente foi experimentado, explorado e torturado nos campos de concentração e que continua a ser, em certo sentido, na barbárie atual. É também um corpo fragmentado pelas leituras, pelas especialidades. É o corpo fruto da revolução sexual, com o advento da psicanálise, o questionamento da moral cristã e das grandes sacudidas socioculturais geradas a partir das guerras mundiais e da emergência da mulher como sujeito autônomo. Também é o corpo surgido dos avanços da medicina; o corpo que inspira os progressos biológicos do intercâmbio de órgãos, estendendo a vida mais além do que o próprio prazo e, ainda, o corpo submetido à ameaça da genética seletiva” (COELHO FILHO & ANDRADE, 2004:98).

E ainda:

“(...) Esse é o corpo que irrompe na imagem e na linguagem diárias, que invade a TV, o cinema e a literatura contemporâneas: um corpo que se afirma em sua progressiva desnudez, pela busca obsessiva de uma ‘perfeição’, por sua própria adesão às leis do mercado. É o corpo que sofre influência da publicidade, as *Barbies*, o mundo dos modelos e dos modismos. As academias, as dietas, os esportes, os tratamentos ‘estéticos’, as cirurgias plásticas, a anorexia, a bulimia, a pornografia na Internet. Contudo, é também o corpo que traduz e decifra nossos desejos e temores, o corpo que alcança a profundidade

dos oceanos e caminha nas planícies da lua. É o corpo contemporâneo, que se desenvolve na cultura e no universo, multiplicando seu poder e seu poder sobre outros corpos, em inesperadas dimensões” (COELHO FILHO & ANDRADE, 2004:98).

CAPÍTULO II

O CORPO NA TRADIÇÃO DUALISTA

A divisão corpo-mente atravessou séculos, influenciou culturas e manteve como referência a fragmentação clássica do corpo – cabeça, tronco, membros – e a dualidade entre emoção e razão, fortalecendo assim a idéia cartesiana do corpo objeto separado do sujeito pensante. “O corpo humano, ao longo da história do nosso modo ocidental de pensar, segue um caminho de empobrecimento, de esvaziamento e, finalmente, de aniquilação de seu sentido” (MICHELAZZO, 2003, p:106 *in* ZYLBERBERG, 2007).

Na tradição de pensar o corpo, inscrevem-se metáforas e conceituais expressões que ora valorizam, ora sacrificam a sua existência por representar grandes ameaças. Expressões como “corpo morada”, “árvore da vida, mas também do bem e do mal” e “cadáver sagrado”, denotam a idéia de uma visão que predominou entre, aproximadamente, 3000 a.C. até 1700 d.C.. E, estão inseridas na Antigüidade Clássica, em que, além desses adjetivos, recebe outros como obstáculo, prisão e túmulo da verdadeira essência do ser: a alma (GUEDES, 1995).

Na busca incessante pela essência do ser, Platão (discípulo de Heráclito e Sócrates), procurava por soluções que “conciliassem o testemunho dos sentidos (existência corpórea), com exigências do conhecimento intelectual (atividade da alma)” (GUEDES, 1995:10). Busca essa que, inscreveu-se na história desde a

tradição dos pré-socráticos, consistindo em deslocar a reflexão do mundo físico (natural) para o mundo humano, propondo assim, como objeto próprio da indagação filosófica, os temas referentes ao homem e à descoberta e definição das essências.

O ideal platônico aparece bem descrito no mito da caverna, no qual o homem teria acesso e compreenderia essências, desde que saísse da caverna para o mundo inteligível, quando apreenderia idéias objetivas, imutáveis e universais (GUEDES, 1995). Platão advoga que conhecer não é ver o que está fora de nós; pelo contrário, significa reconhecer, lembrar-se do que se encontra dentro de nós, advinda de uma existência anterior à da alma, de uma vida passada, em que contemplou as idéias. “Assim, a ciência platônica não é das aparências (sombras), mas, sim, da realidade” (GUEDES, 1995:11).

Compreendida no mundo inteligível, a alma é imortal, simples e imaterial, sendo capaz de conhecer as idéias e apreender a verdade. Assemelha ao que é divino, sendo única, indissolúvel e dotada da capacidade de pensar. Para existir, precisa estar unida ao corpo, e neste estado inclui três partes: concupiscível ou sensual – vinculada às exigências corpóreas; irascível – correspondente aos afetos, impulsos e emoções; racional – vinculada ao pensamento, à inteligência e vontade livre (GUEDES, 1995).

Na concepção platônica, o corpo não existe apenas como instrumento, é, também, um obstáculo à apreensão do conhecimento. De acordo com Guedes (1995), a única maneira, então, para se alcançar a plena satisfação do conhecimento, seria dispor-se do “empecilho” chamado corpo, sendo preciso morrer para conhecer. Esta evidência é configurada na metáfora platônica de “corpo túmulo

da alma”, cárcere perfeito do qual ela precisa se libertar, lembrando sempre que as idéias não são interiores às coisas, mas transcendentas a elas.

O dualismo platônico divide radicalmente o homem, embora defenda a unidade do sujeito por sua singularidade. Mesmo sendo superior, a alma não pode rejeitar a corporeidade, pois depende dela apara existir ao mundo material; estar viva (GUEDES, 1995).

Platão insiste em uma totalidade, que exige um comportamento para o corpo, que deve buscar a perfeição e a saúde, assim como para a inteligência, que deve procurar o conhecimento. Estas são condições necessárias para o cidadão alcançar a singularidade entre o sensível e o inteligível. Porém, o ideal humano se verifica num dualismo culturalmente configurado em que “(...) o real aparente, mundano se fundamenta no não mundano. O não mundano é mais real, é o fundamento. Eles são distintos. E no homem o mundano é o corpo, o não mundano é a alma” (FONTANELLA, 1985:24 *in* GUEDES, 1995).

O pensamento platônico, portanto, divide a existência humana para entendê-la. E nesta tentativa de entendimento não é mais possível unificar, uma vez que houve a cisão do ser em corpo e alma. Cada qual com suas funções, possuindo suas pares em um lugar específico da existencialidade. Instaurou-se, assim, uma percepção dual no pensamento filosófico, da qual o senso comum e os discursos do corpo se apropriam para o entendimento do humano.

No período do Renascimento, época de várias transformações na visão do homem ocidental, em que as dúvidas geraram grandes descobertas e suscitaram desejos de uma sabedoria nova, René Descartes (1596-1650) começou duvidando

de tudo, principalmente, de sua realidade corporal: "*Penso, logo existo*". Desta afirmativa básica, Descartes estabelecerá conclusões sobre a existência de Deus, sobre a natureza e a existência de objetos materiais e sobre o dualismo entre o físico e o mental.

Assim, após a dúvida, surge a primeira certeza desta fase inicial do pensamento cartesiano: a existência do eu penso. No entanto, o ser pensante tinha que conviver com a realidade corpórea, necessitava existir no mundo material para poder pensá-lo e, esta materialidade também deveria ser colocada em questão, visto que era o intermediário entre o mundo e o pensamento. "Definidos como substâncias perfeitamente distintas, a extensão e o pensamento coexistem, todavia, no homem, através da dualidade corpo/alma" (GRANGER, 1979:22 *in* GUEDES, 1995).

Seguindo com o seu método de análise, Descartes estabelece, neste momento do seu raciocínio, a existência de uma substância que, em essência ou natureza, não é outra coisa senão pensamento. Temos aqui a existência de uma alma, independente de qualquer substância material, a qual Descartes julga ser inteiramente distinta do corpo e, até, que é mais fácil de se conhecer que o corpo (DUTRA, 1996).

A física cartesiana apresenta um caso particular de um mundo ideal, alcançável apenas pelo intelecto, ou seja, sem a mente o homem não compreenderia o mundo; sendo a essência do corpo apenas a extensão, matéria:

"(...)já que, de um lado, tenho uma idéia clara e distinta de mim mesmo, na medida em que sou apenas uma coisa pensante e inextensa, e que, de outro, tenho uma idéia distinta do corpo, na medida em que é apenas uma coisa extensa e que não pensa, é

certo que este eu, isto é, minha alma, pela qual eu sou o que eu sou, é inteira e verdadeiramente distinta de meu corpo, e que ela pode ser ou existir sem ele" (DESCARTES, 1641/1973:142 *in* DUTRA, 1996).

Descartes passou a observar o corpo em si mesmo e em relação aos outros corpos, até chegar a conclusão de sua existência. Porém, o corpo agiria sob o comando da alma e somente a onipotência divina poderia uni-los (GUEDES, 1995). Entretanto, para compreender esta relação deveria haver uma análise das partes que compunham o ser. O pensador postulava, então, a distinção entre alma e corpo na confrontação de suas naturezas, distinguidas pela oposição entre parte (corpo: divisível) e todo (espírito: indivisível) (DUTRA, 1996).

Além disso, no dualismo cartesiano, o corpo é comparado a uma máquina e, se esta máquina se quebra, provavelmente não leva apenas à destruição do homem, mas à separação da alma e do corpo. "Sem o movimento necessário, a alma se ausenta e o princípio de seu movimento pára de agir" (GUEDES, 2005, p.31). No entanto, Descartes não explica de que forma estes espíritos lançam a sua contribuição para os movimentos e sentidos, e nem o princípio corporal que os faz agir.

Descartes foi o conceptor, em toda sua radicalidade, desta mentalidade fragmentária que marcou a história do Ocidente moderno, "colocando alternadamente o universo objetivo aberto à ciência e o cogito subjetivo irresistível, irredutível, primeiro princípio da realidade" (MORIN, 1990:60 *in* JOÃO e BRITO, 2004).

Defendendo a concepção de que das partes alcança-se o todo, enquanto uma grande operação matemática, levou a uma atitude reducionista da ciência que

passou a crer que todos os aspectos de fenômenos considerados complexos poderiam ser compreendidos, caso fossem reduzidos às suas partes constituintes. Dutra (1996) afirma que, apesar de apresentar um extenso e avançado trabalho sobre como a alma seria distinta do corpo, Descartes não consegue explicar, adequadamente, tanto a separabilidade quanto a maneira destas duas substâncias se relacionarem. E, mesmo inaugurando a moderna discussão da relação entre mente e corpo, Descartes deixou irresolvido o problema.

Nesta perspectiva pragmática, a construção do conhecimento, dentro e fora da ciência, determinou a separação entre o corpo e o espírito/ mente, estando inscrito no indivíduo e nos sistemas de idéias. A idéia de corpo reduziu-se à idéia de matéria, que se tornou a substância do mundo físico “coisificado” e o espírito tornou-se um idealismo metafísico, desenraizado do universo físico (JOÃO e BRITO, 2004).

Ao mesmo tempo, “se estabeleceu uma falsa crença na indissociação entre os aspectos emocionais-afetivos e os aspectos mentais-espirituais, acreditando-se que emoção e razão são experiências vividas separadamente, estando as emoções reduzidas à dimensão corporal/física” (JOÃO e BRITO, 2004).

A partir do começo do século XX, a filosofia e outras áreas passaram progressivamente a questionar o modelo cartesiano e suas concepções de corpo e mundo. O corpo não podia mais ser compreendido como algo a ser disciplinado e adestrado. O sujeito passou a ser estudado como unidade heterogênea.

No Ocidente, o fenomenólogo Merleau-Ponty (1908-1961) propôs a concepção do ser humano como unidade indivisível, o corpo como simultaneamente interioridade e exterioridade, sujeito e objeto, alma e espírito, natureza e cultura,

como corporeidade. Ele defendeu que a capacidade de pensar está necessariamente vinculada ao corpo e à percepção. De acordo com o mesmo, a cada instante da existência estamos integrados ao mundo por meio do nosso corpo. Esta é a nossa condição. “O corpo, por ser um sistema vivo é também um sistema cognitivo. O processo cognitivo, entretanto, de um corpo vivo não se dá por representações mentais, mas pela vivência de si mesmo” (SANTIN, 1998:136 *in* ZYLBERBERG, 2007).

Merleau-Ponty questionou o corpo não mais do prisma das filosofias racionalistas, que o viam a partir da mente ou da razão, mas olhou a partir dele mesmo, numa corporeidade que se revela como identidade e existencialidade humana. Segundo o mesmo, o correto é dizer “eu sou corpo, e não, eu tenho corpo” (SANTIN, 2001, p.71). Assim, o corpo é nosso ancoradouro em um mundo, este é eminentemente um espaço expressivo, o corpo é nosso meio geral de ter um mundo, “ser corpo, nós vimos, é estar atado a um certo mundo, e nosso corpo não está primeiramente no espaço, ele é no espaço” (ZYLBERBERG, 2007, p.100).

Enfim, de acordo com Zylberberg (2007), o ser humano é seu corpo e, quando age no mundo, age como unidade. O que caracteriza o humano não é a existência exclusiva desse espírito ou centelha divina que nos faria imortais, tampouco a presença exclusiva de um corpo material no sentido da anatomia. O que marca o humano são as relações dialéticas entre esse corpo, essa alma e o mundo no qual se manifesta, relações que transformam o corpo humano em uma corporeidade, ou seja, em uma relação expressiva da existência.

2.1 Corporeidade

Compreender o corpo é somente possível a partir das experiências e vivências estabelecidas nas relações consigo, com os outros e com o mundo. E a esta capacidade de cada pessoa sentir e apossar-se do próprio corpo como meio de interação com o mundo, compreende-se como corporeidade.

Desde os anos 80, momento em que se instaurou uma crise de identidade na educação física, a problemática da corporeidade está entre os temas de discussão dos autores que buscam refletir e propor uma prática pedagógica em educação física não limitada aos princípios de um paradigma tecnicista e mecanicista.

As discussões envolvendo a problemática da corporeidade ensejam um conjunto de perspectivas teóricas que objetivam restabelecer a relação entre o corpo e a mente ou entre o sensível e o inteligível. Entende-se, desta forma, que a emergência do tema corporeidade apresenta-se como proposta para a superação da visão mecanicista fragmentadora do princípio da unidade do ser humano. O movimento, neste sentido, passa a ser refletido numa visão que considera o inteligível/mente e o sensível/corpo como dimensões indissociáveis (JOÃO e BRITO, 2004).

A complexidade em se definir corpo/corporeidade enquanto um conceito consensual é indiscutível; visto que a mesma temática pode ser abordada sob diversas perspectivas. Sempre se pôde falar em corpo biológico, corpo cultural, corpo astral, corpo máquina, corpo instrumento, corpo social e muitos outros corpos. (BARBOSA, 1996).

Segundo Santin (1992), corporeidade na sua raiz latina é “um derivado de corpo que, por sua vez, significa a parte material dos seres animados ou, também, o organismo humano, oposto ao espírito, à alma” (SANTIN, 1992, p.52 in BARBOSA, 1996). Em contrapartida, João e Brito (2004) relatam que a corporeidade constitui-se das dimensões: física (estrutura orgânica-biofísica-motora organizadora de todas as dimensões humanas), emocional-afetiva (instinto-pulsão-afeto), mental-espiritual (cognição, razão, pensamento, idéia, consciência) e a sócio-histórico-cultural (valores, hábitos, costumes, sentidos, significados, simbolismos). Todas essas dimensões estão indissociadas na totalidade do ser humano, construindo sua corporeidade.

A partir disso, tem-se que a corporeidade humana se manifesta e se expressa, não somente quando a encaramos sob os aspectos anátomo-fisiológicos, nas questões da biologia tradicional; mas também, pela sensibilidade afetiva, emoções, sentimentos, impulsos sensíveis, senso estético etc.

Ao se analisar as concepções sobre a corporeidade, percebe-se que o corpo foi e ainda é foco central das ações humanas. O nosso olhar vai se modificando quando falamos que sentimos e vivemos como corpo, que o corpo manifesta-se em nós, ou ainda que nós vivemos o corpo, e vivemos corporalmente, não admitindo a idéia de que apenas usamos e ocupamos o corpo. (SANTIN, 1987, *in* COSTA, 1999).

Santin (1987), afirma que é na corporeidade que nos fazemos presentes. O nosso modo de viver a corporeidade, de forma significativa e expressiva, caracteriza-nos enquanto seres humanos e nos distancia dos animais, pois temos condições de refletir a nossa vida e, ainda, questionar nossa existência. Todas as nossas

atividades são realizadas e visíveis na corporeidade. (SANTIN, 1987, *in* COSTA, 1999).

O estilo de vida atual, e não somente nos grande centros urbanos, acaba gerando problemas que envolvem a corporeidade. É perceptível que o corpo no limite, bastante exigido, freqüentemente pressionado, predomina ainda hoje. A opção de vida, parcialmente estabelecida pelas relações sociais, traz algumas tensões, competições e individualismos que estão, de certa forma, escondendo nossa sensibilidade. E, conseqüentemente, nossa corporeidade está sendo vivida, nos parâmetros disciplinares desse conjunto de relações (COSTA, 1999).

Presencia-se no cotidiano um corpo sob a ótica da mídia, da moda, do higienismo, da dieta, da terapia, da estética, do objeto obsessivo da juventude, dentre outras. Por questões estéticas, rituais ou de aceitação social, os signos são inscritos no corpo. "(...) O corpo porta em si a marca da vida social, expressa-o a preocupação de toda a sociedade em fazer imprimir nele, fisicamente, determinadas transformações que escolhe de um repertório cujos limites virtuais não se podem definir" (RODRIGUES, 1979:62 *in* COSTA, 1999).

A essência da nossa vivência corporal é construída a partir da imagem corporal criada pela sociedade, da maneira como vivemos com o corpo. Pode-se dizer, também, que a vivência da nossa corporeidade está relacionada à cultura. É no corpo que se inscrevem as regras, as normas e os valores da sociedade, pois se acredita que ele seja o elo principal entre o indivíduo e o meio ambiente (DAOLIO, 1995a, *in* COSTA, 1999). O que define o corpo é o seu significado, a sua construção cultural de acordo com cada contexto social. Assim como as nossas posturas e movimentos do corpo expressam os valores, costumes, normas, princípios da nossa

cultura, também não se pode perceber o corpo separado da realidade social na qual se insere (COSTA, 1999).

“Tratar novamente da corporeidade significa elaborar uma imagem humana com novos traços, uma vez que a questão não é destruir a nossa imagem e, sim, fazer com que ela seja mais expressiva e original” (COSTA, 1999). O homem é corporeidade, e, como tal, é movimento, é gesto, é expressividade, é presença.

2.2 Dualismo e Atividade Física

As conseqüências da objetivação do corpo, que o fragmentam, inferem a necessidade por muitos estudiosos para outras descobertas, que produzam idéias de uma unidade, que não comporte mais a soma das partes, mas a compreensão de um sistema de interação. Entretanto, a preocupação está em saber se, realmente, está clara esta busca por uma interpretação sobre a corporeidade em uma abordagem holística (GUEDES, 1995).

Neste final de século, assistimos à importância crescente da prática esportiva como veículo para a promoção do bem estar global do homem. A própria visão da Educação Física tem se alterado para atender a estes novos desafios, fazendo parte de um movimento amplo de transformações sociais, marcadas, entre outros, pela diminuição das fronteiras e distâncias entre os indivíduos e grupos sociais e mesmo entre as nações. “A nova compreensão do homem passa por redefinições de sua identidade, com contribuições de vários campos de estudo, que exibem cada vez

mais áreas correlatas, interpenetradas e superpostas, cada qual emitindo seus pareceres” (DUTRA, 1996, p.37).

Resumidamente, pode-se considerar que, na década de 60, as atividades físicas, destinadas ao provimento e manutenção da saúde, eram baseadas na utilização do exercício puro, trabalhando o corpo, quase sem referência à mente. De acordo com esta perspectiva, a educação física, enfatizava a educação ‘do’ físico. Na década de 70, observa-se uma mudança neste modelo, com o indivíduo sendo paulatinamente encarado como pessoa que, consciente ou inconscientemente, processa informação e, através do seu corpo, vai obter conhecimento. Após os anos 70, esta tendência se fortalece com a teoria do processamento de informação, na qual o cérebro assume papel relevante (DUTRA, 1996).

Atualmente a teoria do processamento de informação perdeu seu lugar central nas investigações dos teóricos da prática da atividade física, tomando, em parte, o seu lugar a teoria dos sistemas dinâmicos. A visão da educação física passa a ser entendida como educação 'através do' físico, em que a atividade física realizada pelo sujeito é integral - com seu corpo e mente - e desempenha papel fundamental na obtenção do conhecimento (DUTRA, 1996).

Práticas corporais consideradas “alternativas” há alguns anos já contam com uma maior aceitação por parte da comunidade médica e da população em geral: massagens, acupuntura, aromaterapia e programas anti-stress são alguns exemplos (MOURA, 2001). Dizemos alternativas já que, de uma forma ou de outra, pretendem-se como uma opção aos conteúdos comumente desenvolvidos por essa área, como é o caso do esporte e da ginástica, revelando “novas” formas de intervenção no âmbito da educação do corpo e, mais que isso, capazes de contrapor-se, muitas

vezes, à forma existente, negando-a a fim de apontar para a criação de, quem sabe, uma “outra”, ou “nova” e “diferenciada” Educação Física (MATTHIESEN, 1999).

Muitas vezes, passamos a buscar soluções tidas como “milagrosas” e enganosas, na tentativa de nos reencontrar com o nosso próprio ser. Mas, ao mesmo tempo em que procuramos formas de nos reencontrar, não nos permitimos vivenciar algo diferente do tradicional, pois estamos habituados a nos reduzir aos movimentos preestabelecidos, seguindo somente as ordens que não emanam da nossa sensibilidade (COSTA, 1999).

Nesse contexto, por exemplo, tem-se que, embaladas pela propulsão da mídia, academias de ginástica passaram a adotar o *Yoga* como modalidade desportiva, oferecendo a seus alunos a possibilidade de “malhar” de uma forma *zen*. Muitas vezes encontra-se, nestas academias, profissionais que interpretam o *Yoga* de uma maneira que, tradicional, não é. E, o que acabam transmitindo nada mais é do que uma série de exercícios que alongam o corpo, provocam transpiração e queimam calorias, podendo-se comparar a talvez ao mesmo resultado que se obtém ao terminar uma aula de *spinning*. Sendo que, segundo Hermógenes (2004), “*Yoga* é uma auto-educação que só pode ser holística, quer dizer, uma cultura do homem sobre ele mesmo, sobre a imensa vastidão de seu todo (corpo, energia, emoção, imaginação, pensamento, Espírito) (...)” (HERMÓGENES FILHO, 2004, p.196).

Podemos obter todo o tipo de informação sobre nossos corpos; entretanto, estes ainda não são considerados fontes de conhecimento e decisões. Precisamos de especialistas e olhos externos que nos digam o que fazer e como fazer, como moldar nossos corpos, de maneira a adquirirmos aceitação social (e, muitas vezes, a própria aceitação depende desse julgamento). “A cultura que molda nossos corpos

também embota-os. Ainda se pensa o corpo cartesianamente, como uma máquina, invólucro da alma” (MOURA, 2001, p. 6).

Faz-se necessária, portanto, a discussão a cerca da especificidade e da veracidade de um discurso dito alternativo que propõe a “tomada da consciência corporal”, o trato com o corpo, como um todo, pela execução de movimentos lentos, prazerosos, capazes de levar o indivíduo à interiorização contra uma prática comumente desenvolvida neste meio, cuja base assenta-se na realização de exercícios por elas considerados repetitivos, estereotipados e mecânicos (MATTHIESEN, 1999).

Vindas, em sua grande maioria, de áreas como a psicologia e a fisioterapia (daí sua reciprocidade com trabalhos de abordagem como a terapia corporal e a ginástica médica, respectivamente), as práticas corporais alternativas assumem perante a Educação Física um contorno próprio: são fundamentalmente práticas e sustentam-se pela realização de um trabalho, ao menos aparentemente corporal, sem, contudo, restringirem-se a isso. Apresentam-se à área e por ela são consideradas como alternativas, similar de opção, sobretudo se considerarmos que “surtem em meio a um período de questionamento na área, o que faz com que apareçam sustentadas por princípios e especificidades que, em primeira instância, delineiam-se como contrários aos preconizados pela Educação Física, quer em termos de formação profissional ou da prática pedagógica” (MATTHIESEN, 1999, p.132).

CAPÍTULO III

NOVAS PERSPECTIVAS PARA O PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA: REPENSANDO A APRENDIZAGEM

Não se tem a intenção, aqui, de tornar o esporte e a ginástica de academia vilões dessa intensificação das dicotomias existentes na educação física. No entanto, cabe ressaltar que a vivências dessas práticas corporais, na maioria das vezes, exige os limites de resistência do corpo ao esforço, sem a adequada tomada de consciência, caracterizando-se somente como repertório de gestos especializados. Neles, a repetição de movimentos é recorrente, sem atitudes críticas, sem se perceber o que está se realizando. “Quando praticamos esportes ou ginástica de academia, baseados no trabalho excessivo e repetitivo, estamos influenciados por suas ações que acabam deformando e violentando o corpo lentamente, através dos múltiplos micro-traumatismos ao longo do trabalho desenvolvido e também da concepção fragmentada do corpo”(COSTA, 1999:53)

Essa ação pedagógica desenvolvida no esporte, principalmente de performance, de alto-rendimento, ou ainda na ginástica de academia, acaba determinando alguns entraves ou limitações corporais. Segundo Costa (1999), “a solução, certamente, não reside na extinção do esporte e da ginástica de academia, e sim numa mudança de atitude na ação pedagógica do profissional envolvido” (COSTA, 1999:54).

Segundo Lovisolo (1997), a questão das articulações ou contribuições da atividade corporal para formação moral, cognitiva e estética seria um foco de

preocupações que geraria variadas respostas em termos de programas de intervenção. O entrelaçamento da atividade corporal, da ginástica e do esporte com a formação de homens obriga o educador físico, a refletir sobre a educação em suas relações com sua prática profissional e com sua contribuição possível. Portanto, segundo o mesmo, “(...) o refletir sobre a educação deveria se um componente estrutural e permanente da reflexão do educador físico. Entender o complexo panorama de posições e contraposições que mapeiam a educação moderna é uma tarefa complexa porém ineludível” (LOVISOLO, 1997:32).

A idéia dominante das pedagogias contemporâneas reside em pensar que sua principal função é ajudar a desenvolver potencialidades, competências ou propriedades prefiguradas nos indivíduos. “Trata-se, então, mais de desenvolver coisas interiores do que interiorizar coisas exteriores” (LOVISOLO, 1997:32). Busca-se lançar novos olhares, que mergulhem no fenômeno corporeidade, que procurem a tradução do humano, sem que seja necessário fragmentar para explicar, mas que ampliem os horizontes de interpretação.

Sob essa perspectiva, o papel da Educação Física e de seus profissionais deveria ser o de facilitar o acesso e a apropriação crítica da cultura corporal de movimento, associando organicamente o *saber* movimentar-se ao *saber sobre* esse movimentar-se, levando os sujeitos à autonomia no âmbito da cultura corporal de movimento.

A questão da corporeidade apresenta-se como primordial para a práxis da Educação Física, tendo em vista que seu entendimento e conseqüente ampliação da

suas possibilidades poderia contribuir para o oferecimento, por parte dos educadores físicos, de uma educação corporal mais enriquecedora e significativa.

O olhar pela corporeidade possibilita-nos perceber a inteligência no corpo dos alunos. Afinal, “o corpo não é um meio intermediário entre o mundo exterior e a consciência, mas possui uma inteligibilidade, uma intenção, um sentido de totalidade que se manifesta no movimento e no entendimento simultaneamente numa palavra, na motricidade” (NÓBREGA, 2005, p.65 in ZYLBERBERG, 2007, p. 105).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falou-se no decorrer deste trabalho em corpo, corporeidade, dualismos, atividade física, discursos alternativos que visam o não-dualismo e perspectivas pedagógicas para minimizar a dicotomia corpo-mente presente nos discursos educacionais. Buscou-se promover reflexões acerca da fragilidade do corpo, suas limitações e o que leva as pessoas a buscarem algo mais, como se fosse uma necessidade de superação. E é na busca por esse algo a mais, que as novas modalidades de atividade física aparecem. Ora, visando uma sobreposição do corpo (estética) sobre a mente, ora colocando a mente em um patamar primeiro, ou ainda, procurando resgatar técnicas milenares que tratavam o ser humano holisticamente, que, no entanto, pecam ao adaptá-las às concepções contemporâneas de corpo.

Nesse sentido, evidencia-se a posição ainda hegemônica de uma concepção dualista do corpo, revelando um discurso de corpo instrumento/expressão da alma ainda fortemente arraigado na sociedade. A partir disso, Freire (1991) posiciona-se:

“Alguém poderia me perguntar: e daí, para que tanto discurso? E eu responderia: faço o que quiser com ele, já não é meu; é seu, e a responsabilidade passa a ser sua, apesar de continuar também minha. Eu não sei exatamente o que fazer quanto a interferir na sociedade para mudá-la para melhor, o que eu entendo como humanizá-la. Não faço nenhuma promessa de não-dualismo. Não sei como não ser dualista. Aliás, pouco me importa se sou dualista ou não, e creio mesmo que o sou. Apenas coloco em dúvida e denuncio todos os dualismos, inclusive o meu. Pois, toda tarefa de descrevê-lo

revela o dualismo do descritor. Creio mesmo que a tentativa de descrevê-lo, sublinhá-lo ou superá-lo revela-se carregada de dualismos. E que só há uma maneira de, pelo menos, denunciá-lo: assumi-lo. Dizer: veja como está carregada de dualismos minha denúncia. E, assumindo-o, verificar que todo dualismo é falso. Apesar de existente, é prepotência da razão. Não se divide o indivisível. De fato, creio que os dualismos não existem. São apenas palavras, discursos, que eles mesmos, na sua concretude, não são dualistas” (FREIRE, 1991:148).

De acordo com Freire (1991), o que precisa ser modificado são nossas crenças com relação às divisões corpo-mente. Até mesmo aqueles profissionais que lidam com o corpo, utilizam-se de suas atividades para se esconder dele. Mente e corpo, sensível e inteligível, emoção e razão, espírito e matéria, nesse sentido devem ser religados, amalgamados para constituir unidade, e isso acontece através de árduo e incessante trabalho e, necessariamente, através da corporeidade.

Nada mais grave e mais triste, que relações pedagógicas que ignorem o corpo como ancoradouro do ser no mundo, lugar de necessária vivência de todas as suas esperadas aprendizagens. Ou ainda, numa perspectiva negativa de corporeidade, valorizando o trabalho dito intelectual em detrimento ao que exige maior participação corporal.

Na busca radical da corporeidade, é necessário lembrar que somos seres que amparamos nossa aprendizagem nos processos sensório-perceptivos. Captamos estímulos através dos sentidos. Não organizando bem as sensações teremos também dificuldade de entendê-las e de expressá-las com consciência. Nossas

interpretações não chegarão a um entendimento profundo do que percebemos e, por conseguinte, não galgaremos níveis de discernimento ou de consciência de si.

Caberia ao educador físico, a responsabilidade por esse processo de conscientização junto aos seus alunos nas práticas pedagógicas. A compreensão e o conhecimento do professor acerca dos padrões de corpo impostos pela sociedade, da veiculação pela televisão e os demais meios de comunicação, dos mecanismos de opressão, violência e estresse diário dos corpos dos trabalhadores, da ditadura do consumo de alimentos agressivos ao corpo e o tratamento mercadológico do mesmo, na moda e no esporte da alta competição; são horizontes de conhecimento que não podem ser perdidos de vista. Afinal, esses usos e malefícios que acometem o corpo, reforçam o fato de que este é uma construção social e cultural resultante de um processo histórico que precisa ser considerado e bem fundamentado pelos professores.

A Educação Física tem um papel primordial na busca por concepções que visem à emancipação corporal e sua re-significação, intermediados por um discurso crítico da realidade em que o indivíduo está inserido, não se portando como mera reprodutora, para que mudanças efetivas nos atuais paradigmas que norteiam o corpo possam ser concretizadas e assim combater os mecanismos de reprodução dos padrões estéticos referidos e conferir novas formas de interação entre o homem e seu corpo. Um corpo que não admita maniqueísmos. Pois será a partir de embates críticos, estimulados durante a intervenção pedagógica do professor (contextualizadas social e culturalmente), que conseguiremos conceber uma

educação física que trabalhe com corpos, e acima de tudo com sujeitos, donos desses corpos.

É necessário arriscar a ruptura para se viver em busca daquilo de que mais nos distanciamos, nós mesmos. Precisamos, sim, reconhecer a complexidade do "ser", que desdobrado nos diversos "entes", exige uma razão forte, mas flexível, que "apreenda" as coisas e "aprenda" com as coisas. Buscou-se, aqui, contextualizar uma visão ampla e específica para realçar o fato de que a parte e o todo se relacionam dentro dessa complexidade, onde as partes estão inseridas sempre num todo indissociável.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, S. S. R. **Corporeidade: Quais são as concepções de corpo presentes nos discursos dos professores de Educação Física da rede municipal de ensino de Uberlândia**. 1996. Dissertação (Mestrado em Educação Física). UNICAMP, Campinas.
- BARROS, D. D. **Estudo da imagem corporal da mulher: Corpo (ir)Real x Corpo Ideal**. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – UNICAMP, Campinas.
- COELHO FILHO, C.A.A.; ANDRADE, R. G. N. Atividade física e corpo sensível. **Motriz**. Rio Claro, v.10, n.2, p.97-109, mai./ago. 2004.
- COSTA, E. M. B. **O corpo feminino no encontro com a antiginástica**. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação Física). UNICAMP, Campinas.
- DUARTE JÚNIOR, J. F. **O Sentido dos Sentidos: A Educação (do) Sensível**. 2000. Tese (Doutorado em Educação). UNICAMP, Campinas.
- DUTRA, L. V. **O Dualismo Mente-Corpo: Implicações para a Prática da Atividade Física**. 1996. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade). UNESP, Rio Claro.
- FERNANDES, R. C. **Significados da ginástica para mulheres praticantes de academia: corpo, saúde e envelhecimento**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – UNICAMP, Campinas.
- GUEDES, C. M. **Corpo: tradição, valores, possibilidades do desvelar**. 1995. Dissertação (Mestrado em Educação Física). UNICAMP, Campinas.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- HERMÓGENES FILHO, J. **O que é Yoga?** Rio de Janeiro: Nova Era: 2004.
- JOÃO, R.B.; BRITO, M. Pensando a corporeidade na prática pedagógica em educação física à luz do pensamento complexo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v.18, n.3, p.263-72, jul./set. 2004.

LARA, L. M. **O sentido ético-estético do corpo na cultura popular**. 2004. Tese (Doutorado em Educação) – UNICAMP; Campinas.

LOVISOLO, H. **Estética, Esporte e Educação Física**. Rio de Janeiro: Sprint, 1997.

MATTHIESEN, S. Q. A Educação Física e as Práticas Corporais Alternativas: A Produção Científica do Curso de Graduação em Educação Física da UNESP – Rio Claro de 1987 a 1997. **Motriz**. Rio Claro, v.5 , n. 2, p.131-137, dez.1999.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU, 1974.

POCIELLO, C. Os desafios da leveza: As práticas corporais em mutação. In: SANT'ANNA, D. B. (org.). **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SANT'ANNA, D. B. É Possível Realizar uma História do Corpo? In: SOARES, C. (org.). **Corpo e História**. Campinas: Editora Autores Associados, 2001.

SANTIN, S. **Educação Física: Outros Caminhos**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia, 1990.

_____. O corpo simplesmente corpo. 2001. **Revista Movimento**. Porto Alegre, v.7, n.15, p.57-73, 2001.

SILVA, A. Márcia. **Corpo e diversidade cultural**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Campinas, 2001.

SILVA, J. B. F. **De Corpo e Alma: O Discurso da Motricidade**. São Paulo: Summus, 1991.

TURTELLI, L. S. **Relações entre imagem corporal e qualidades de movimento: uma reflexão a partir de uma pesquisa bibliográfica**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação Física). UNICAMP, Campinas.

ZYLBERBERG, T. P. **Possibilidades corporais como expressão da inteligência humana no processo de ensino-aprendizagem**. 2007. Tese (Doutorado em Educação Física). UNICAMP, Campinas.